



DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO E QUALIDADE DE VIDA: A PERCEPÇÃO DO MORADOR COMO BASE PARA TRABALHOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sandro Alves Corrêa – Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul –
SP (FUNEC)

sandro_bio@yahoo.com.br

Robson de Jesus Nones

r.nones@hotmail.com

Resumo

Localidades com desenvolvimento turístico estão sujeitas a problemas advindos do intenso fluxo de pessoas. Estes problemas podem ser minimizados através de um planejamento que considere a complexidade da atividade e a inserção de trabalhos de Educação Ambiental com o morador e com o turista. Porém, trabalhos educacionais efetivos devem pautar no conhecimento acerca da influência dessa atividade na vida dos moradores. O presente artigo trata a percepção dos moradores dos municípios de Rio Quente e Caldas Novas – Goiás sobre o desenvolvimento do turismo no local. O estudo foi realizado através do campo da percepção, utilizando o método histórico e pesquisa participante. As análises indicam que, apesar de essencial na geração de emprego e renda, o turismo apresenta forte influência na perda de qualidade de vida da população em aspectos objetivos e subjetivos. Esta perda tem se refletido na ligação topofílica dos moradores tornando-a frágil ou, em alguns casos, rompida.

Palavras chave: Topofilia, qualidade de vida, desenvolvimento turístico, Caldas Novas - GO, Rio Quente – Goiás.

Abstract

Localities with touristic development are susceptible to problems coming from the intense flow of people. These problems can be decreased through a planning that considers the complexity of the activity and the insertion of Environmental Education works with the resident and the tourist. However, effective education works should be based in the knowledge concerning the influence of this activity in the residents' lives. This article is about the perception of the residents in the counts of Rio Quente and Caldas Novas – Goiás, Brazil, about the tourism development in the area. The study was carried out through the perception field, using the historical method and a participating survey. The analyses indicate that despite of being essential for providing jobs and income, the tourism present strong influence on the loss of the population's life quality in objective and subjective aspects. This loss has reflected on the topophilic link of the residents, making it fragile or, in some cases, broken up.

Keywords: Topofily, life quality, touristic development, Caldas Novas – GO, Rio Quente – GO.

Introdução.

A atividade turística tem se mostrado uma boa alternativa de geração de renda, principalmente, em áreas localizadas no interior do país que apresentam atrativos ambientais estéticos que levam a um intenso fluxo de pessoas na busca de lugares que podem proporcionar momentos de lazer, descanso, contato com ambientes preservados, atividades esportivas, etc.

Entretanto, esse intenso movimento de pessoas pode, em alguns casos, ocasionar problemas de diversas ordens como a utilização de uma estrutura insuficiente, projetada a um número reduzido de pessoas, isto é, uma estrutura que foi dimensionada no sentido de atender a uma população fixa que aumenta consideravelmente em altas temporadas.

Além das questões infra-estruturais também existem os problemas associados à cultura local que, ao invés de se tornar uma forma de turismo cultural e educativo, associado ao atrativo principal, é desconsiderada e por vezes esmagada ou extinta. Esta falta de conhecimento da cultura, hábitos e costumes do local visitado acabam por provocar um desrespeito ao morador que ao ter seu cotidiano invadido cria concepções negativas acerca dos turistas resultando em uma barreira sócio-psicológica entre os dois grupos.

Essa perda de referenciais culturais reflete, também, na perda de relação do indivíduo com o lugar rompendo laços topofílicos que são a base da valorização da cultura de um povo.

Dessa forma, vemos duas perdas significativas associadas à qualidade de vida da população local: uma relacionada ao inchaço da estrutura do sistema (água, luz, telefone, esgoto, saúde, etc.) insuficiente em altas temporadas e outra pelo esmagamento cultural e perda de referenciais histórico-culturais do lugar.

Assim, os projetos de desenvolvimento desses locais devem considerar tais fatores e serem elaborados de forma a evitar ou minimizar tais problemas. Entretanto, atitudes nesse sentido não são frequentes. Neste contexto, insere-se a necessidade de trabalhos de Educação Ambiental (EA) tanto com o morador quanto com o turista.

Vale ressaltar que os trabalhos de EA devem superar as práticas normalmente realizadas e considerar as realidades locais, os anseios da população local direcionando para a manutenção dos referenciais sobre os quais a história local é construída e mantida. Esse processo só é possível com um conhecimento profundo acerca da percepção dos moradores em relação ao processo turístico e sua influência em suas vidas e seu cotidiano.

Este estudo se insere neste contexto na medida em que tem como objetivo conhecer a percepção dos moradores do município de Caldas Novas – GO sobre o desenvolvimento do processo turístico e sua influência na qualidade de vida da população local.

O desenvolvimento turístico

As cidades com grande desenvolvimento turístico têm sofrido agressões provenientes das mais variadas origens, desde a utilização excessiva de uma infraestrutura insuficiente até intervenções diretas na cultura local. Esse processo tem

provocado alteração na identidade de moradores que ao internalizarem uma cultura imposta são obrigados a alterar sua própria identidade.

Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho [...] Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem (COSGROVE, 1998, p. 102, 108).

Ao discutir o esmagamento de expressões culturais locais, Cosgrove (1998) relata que a expressão cultural mais evidente em um determinado lugar tem suas origens na classe econômica dominante, denominada pelo autor de *Paisagens da Cultura Dominante*.

[...] cultura dominante é a de um grupo com poder sobre os outros. Quando falo em poder não quero me referir apenas ao sentido limitado de um grupo executivo ou de governo em particular, mas precisamente ao grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente nos controles dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho (*op cit*, p111).

O processo de desestruturação de identidades tem se instalado com muita frequência em cidades que apresentam um rápido crescimento, especialmente aquelas com potencial turístico, que acabam por absorver iniciativas de mudanças estruturais e paisagísticas que não correspondem aos anseios da população local. A análise deste processo de desestruturação – ou reconstrução – identitária pode gerar importantes subsídios para planejamentos locais. Porém, para se entender as verdadeiras construções culturais é necessário o conhecimento dos diversos aspectos que permeiam a formação desta cultura.

Fazer isso exige que entremos na consciência cultural dos outros. Na paisagem, o bosque sagrado ou a fonte sagrada, o local da batalha que fundou ou salvou uma nação são lugares de intenso significado cultural pelos quais os não iniciantes passam. Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, *re-presentar* essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos (*op cit*, p103).

Apesar dos benefícios econômicos advindos da atividade turística podemos considerar que esta também constitui uma forma de invasão sócio-cultural. Por outro lado, Luchiarí (1998) apresenta uma visão diferenciada ao considerar que esse processo de alteração paisagística e cultural é um movimento normal e aceitável, já que, o lugar recebe determinações externas e as combina às narrativas locais. Segundo a autora, “a gestação de uma nova configuração sócio-espacial é prenhe do mundo e do lugar” e ressalta que as cidades turísticas apresentam uma nova forma de urbanização para a produção de serviços e paisagens.

A manutenção da atividade turística depende da conservação das paisagens colocadas como produtos a serem comercializados. Entretanto, este não deve ser o único foco da conservação, pois deve-se considerar outros elementos que também integram a gama de atrativos turísticos de uma determinada região dentre os quais podemos destacar elementos culturais, como culinária, festas típicas, história, etc.

Vale considerar também que não há um processo organizativo na maioria das cidades turísticas o que faz com que em determinadas datas festivas (feriados) ou períodos de férias haja uma sobrecarga nos sistemas infra-estruturais dos municípios (água, luz, esgoto, telefonia, etc.) insuficientes para atender a demanda aumentada. Esse caos, normalmente constatado, acaba por prejudicar a vida dos moradores locais que além de serem atingidos pela falta de infra-estrutura, perdem o sossego e a tranquilidade.

Luychiarí (1998) afirma que a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais provocando uma reestruturação econômica voltada a esse fim.

Assim, estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções. E este movimento entre o velho e o novo impulsiona a relação do lugar com o mundo que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modos de agir. Assim a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização sócio-espacial (*op cit*, 1998, p.2).

Devemos considerar, no entanto, que se a organização e a identidade local não estiverem plenamente reconhecidas pelos moradores, ao contrário da miscigenação proposta por Luchiarí, instala-se um processo de descaracterização e aculturação do lugar. Isso faz com que olhemos ainda mais atentamente a contextos onde a população local não tem uma participação ativa no gerenciamento do lugar e não passaram por um processo de reconhecimento e valorização da própria identidade. O respeito e a valorização da cultura de um povo só pode ser inserido e trabalhado junto aos turistas a partir do conhecimento dos anseios dessas comunidades e dessa forma impedindo que a inserção de capital externo, aliado a uma cultura externa, marginalize ou transforme, a cultura local e as tradições em função de um desenvolvimento que, ao desconsiderar as peculiaridades locais, altera as características do lugar e provoca a perda de vínculos topofílicos.

Ao discutir esta questão, Almeida (2003, p.13), relata que “é o homem o sujeito, produtor do espaço. Esta produção está estreitamente vinculada às relações sociais, políticas, ideológicas, culturais e ela implica em um modo de produzir, de pensar, de sentir e, logo, em um modo de vida”. Entende-se, portanto, que os modos de vida são elementos que definem a identidade do lugar e seus significados, devendo ser foco de atenções nas ações de planejamento do desenvolvimento local.

Aqui é conveniente apontar um conflito que essa característica do turismo local acaba por ocasionar: as percepções do turista e do morador. Tal conflito quase sempre passa a significar um sentimento de invasão e desconforto dos moradores, não obstante haja um interesse claro nas oportunidades econômicas que essa intromissão pode oportunizar. Entre os impactos negativos do turismo apontados por Ruschmann (1997, p.57), estão justamente as barreiras sociopsicológicas que podem se estabelecer entre as comunidades receptoras e os turistas. Não discutiremos aqui essas oportunidades centradas na idéia do desenvolvimento econômico que impera nos discursos de nossa sociedade capitalista. Queremos, sim, evidenciar as perdas que as ações focadas em tal discurso podem ocasionar.

Nossa principal reflexão para detalhar esse conflito está embasada nos significados da busca do turista por lugares que supostamente representam algo

diverso daqueles onde se dão suas vivências cotidianas, na sua grande maioria representados pelos grandes centros urbanos. A busca dos turistas é quase sempre uma busca de experiência sensível de paisagens paradisíacas que sejam identificáveis com suas imagens criadas, tanto a partir das raízes de um imaginário coletivo, quanto daquelas elaboradas pelas agências para estimular seu movimento (CORRÊA, 2008).

Almeida (2003) diz que a busca de determinados lugares por turistas está inteiramente relacionada ao imaginário criado neste espaço: “[...] é o imaginário que dá sentido a circulação turística e a diferencia de outras formas de mobilidade” (*op cit*, p12). Consideramos que o imaginário construído pela indústria do turismo é limitado a uma composição de quadros com imagens paradisíacas e não abarca a total realidade local com sua cultura e história e, desta forma, provoca uma inserção de valores absorvidos, normalmente nos grandes centros, em comunidades pequenas as quais tem sua cultura invadida, miscigenada e, às vezes, destruída.

Um turismo sustentável, a despeito da massificação deste termo, seria aquele em que a história e a cultura local fossem respeitadas e mantidas. Porém, a percepção do turista já vem moldada por imagens paradisíacas do lugar com base nos interesses dos agentes de viagem e da mídia e difere totalmente da visão do morador que ao estabelecer laços topofílicos com o lugar passa a lhe atribuir os verdadeiros significados, os quais, a percepção moldada do turista não abarca. Estas colocações direcionam para o que Augé (1994) definiu como não-lugares: “por não-lugar designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços” (AUGÉ, 1994, p87).

Nota-se que a diferenciação de lugares e não-lugares centra-se na relação estabelecida do viajante com o lugar, as paisagens, das quais o turista nunca tem as não visões parciais, ‘instantâneas’, somadas confusamente em sua memória e, literalmente, recomposto no relato que ele faz delas. Existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente (AUGÉ, 1994).

A busca por lugares compostos de paisagens paradisíacas tem sido ampliada como uma fuga dos grandes centros urbanos. Duarte (2004, p.19-22) faz uma análise reflexiva sobre a deseducação dos sentidos no mundo moderno, decorrente de um ambiente social degradado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental. Há, portanto, uma necessidade de reeducação da percepção que o ser humano tem do mundo, da natureza e do lugar habitado: “hoje, todavia, na esteira dessa regressão sensível operada pela sociedade industrial, a questão é verificar-se o quão embrutecidos e toscos se encontram os sentidos humanos” (*id.*, p.26).

As práticas turísticas são, segundo Almeida (2003), embasadas em imagens e sons, ou melhor, na representação criada sobre elas. Segundo a autora “as representações são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre o objeto em si. [...] os turistas contemplam as representações, as idéias da paisagem, dos objetos que foram e estão sendo internalizadas cada vez mais por postais, folhetos, revistas de viagens, televisão, etc” (*op cit*, p.15). E ao viajar o turista busca essas imagens, ou melhor, a representação destas imagens. Entretanto, essa prática não pode ser considerada errônea, já que tais imagens existem e são reais, mas incompleta. A alma do lugar não se resume a imagens. Ela está associada à história e a cultura de um povo, aspectos que podem ser “explorados” no turismo, porque, além de gerar renda

para a população local, faz com que essa cultura ganhe força e não seja destruída ao ser sufocada pela presença de cultura externas.

Ao colocarmos que a cultura local pode ser um aspecto “explorado” no contexto turístico devemos considerar que isso deve ser desenvolvido de forma organizada respeitando a individualidade e os modos de vida da população local e a total exclusão de concepções estigmatizantes.

É importante que se considere a atividade turística como a fonte de renda principal de um determinado local, entretanto, e preciso, que se considere a agressão que essas buscas por lugares paradisíacos representam e as mudanças para a qualidade de vida dos moradores de um lugar. Como evidenciado anteriormente, as mudanças excessivas de paisagem, associadas a perda da tranquilidade, pode refletir diretamente no vínculo dos moradores com o lugar habitado provocando uma quebra dos laços topofílicos que desintegra o sentimento de pertença.

Mudanças estruturais e sua relação com a qualidade de vida.

Considerar o desenvolvimento local com suas mudanças estruturais e suas associações com a qualidade de vida da população requer o rompimento das fronteiras que distanciam conhecimentos objetivos e subjetivos, possibilitando planejamentos que considerem os seres humanos que estão inseridos neste ambiente como os principais atores do processo, assim como incentivando sua participação nos planos diretores locais.

Os princípios do desenvolvimento de uma região, cidade, país, etc., estão pautados no que se considera imprescindível à estrutura social e as necessidades humanas, que por sua vez, são moldadas pela mídia e pelas imposições de consumo que são temporal e geograficamente diferentes. Essas considerações remetem ao conceito de qualidade de vida, que esteve, no decorrer de seu desenvolvimento, associado inicialmente a aspectos objetivamente econômicos e atualmente considerado como uma questão complexa e multifacetada com a inserção da natureza subjetiva das questões sociais (GUIMARÃES SILVA, 1997 *apud* PIETRAFESA, 2003, p. 37).

Minayo et al (2000) afirmam que qualidade de vida é um termo bastante abrangente, pois trata de uma representação social criada a partir de aspectos subjetivos como bem-estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal além de aspectos objetivos como satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade. Assim sendo, qualidade de vida é uma construção social com a marca da relatividade cultural.

Reafirmando essa idéia de construção de conceito, Martin e Stockler (1998 *apud* MINAYO et al, 2000), afirmam que a concepção de qualidade de vida está na distância entre as expectativas individuais e a realidade, sendo que quanto menor tal distância, melhor. Nota-se visões múltiplas pra o conceito “qualidade de vida” definido como um termo subjetivo e impreciso.

A qualidade de vida como um estado duradouro de condições humanas é fruto do trabalho e deve ser entendida como condições reais de vida humana, situadas tanto no ambiente quanto no tempo. Assim, os níveis de qualidade de vida estão diretamente relacionados a diversos fatores considerados por Minayo (2000) como subjetivos (como bem-estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal) e objetivos (satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de

desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade).

Podemos assumir que generalizar o termo qualidade de vida pode ser errôneo, ela precisa ser compreendida dentro da experiência cotidiana e pessoal de cada um dos envolvidos. Elementos da personalidade, do contexto social e econômico devem ser incluídos no planejamento e nas estratégias de ação vinculadas à melhora da qualidade de vida.

É importante a constatação de que em todas as abordagens sobre qualidade de vida, aspectos não materiais como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade, estão presentes.

Tentando sintetizar a complexidade da noção de qualidade de vida e de sua relatividade às diferentes culturas e realidades sociais, diversos instrumentos têm sido construídos. Alguns tratam a saúde como componente de um indicador composto, outros têm, no campo da saúde, seu objeto propriamente dito (MINAYO et al, 2000, p. 10).

Adotaremos neste estudo o conceito de qualidade de vida expresso por Minayo (2000) que contempla seus aspectos objetivos e subjetivos. Assim, segundo Trevizan (2000, p. 2), “é preciso identificar as necessidades básicas para incorporar internamente os fatores que desencadeiam melhoria na qualidade de vida. Esta é uma exigência que não revela as imposições da esfera global, mas que demandam uma postura crítica frente a elas”.

Quadro de referência teórico-metodológica

Este artigo é fruto de uma tese de doutoramento¹ realizado na Universidade Federal de Goiás no programa de doutorado em Ciências Ambientais. O trabalho foi desenvolvido dentro do campo teórico da percepção ambiental. A percepção que se discute aqui é fundamentada em uma abordagem fenomenológica, na medida em que buscou, mais que uma descrição conceitual, o entendimento de como se configuram as leituras que os sujeitos estabelecem a partir da vivência do lugar.

Foi utilizado o método histórico, já que a pesquisa partiu da reconstituição histórica da ocupação do lugar; fenomenológico, focando-se numa busca das raízes da situação encontrada dentro do próprio fenômeno da percepção; e observacional, porque utilizou como dados, mais que os discursos coletados, os comportamentos da comunidade estudada.

Os procedimentos são pautados na pesquisa participante, que é uma contraposição à pesquisa tradicional baseada na neutralidade científica desligada das necessidades de transformação social, assumindo a diferenciação entre pesquisa participante e pesquisa-ação de acordo com Thiollent (1987) e Richardson et al (1985). Segundo esses autores, a pesquisa participante estaria centrada na preocupação com o papel do investigador dentro da situação investigada, que estabelece uma relação de confiança com o pesquisado no sentido de melhorar as condições para captação de informação.

Entretanto, consideramos a necessidade dos resultados da pesquisa apontarem indicativos de ações e do compromisso do pesquisador em disponibilizar esses dados

¹ Corrêa, S. A. Percepção Ambiental nos Históricos de Mudança de Paisagem no Entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás, 2008.

como fontes de reflexões e como motivadores de novas formas de planejamento para a região.

Os instrumentos de coletas de dados adotados foram relatos orais através de pesquisa participante. Os relatos orais revelam o cotidiano, os tipos de relacionamento, as opiniões e valores, as nostalgias e crenças, dados que possibilitam a construção de um rico corpo reflexivo sobre os processos vividos pelo grupo social estudado. De acordo com Gadamer (1997), o caso individual não serve simplesmente para confirmar uma legalidade, a partir da qual seja possível, numa reversão prática, fazer previsões, mas, mais do que isso, seu ideal é compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica.

De acordo com diferenciação explicitada por Queiroz (1988), os depoimentos pessoais permitem pequenas intervenções do pesquisador no sentido de direcionar as falas para os focos temáticos de seu interesse, enquanto que na história de vida, é exigida uma total liberdade de condução da fala.

A observação é um método de investigação que varia de acordo com o nível de inserção do pesquisador na comunidade. Essa participação, segundo Ludke & André (1986) pode ir da imersão total na realidade até um completo distanciamento, podendo inclusive variar durante uma investigação, segundo as necessidades surgidas. Na proposta da pesquisa participante, a observação é plenamente possibilitada e o pesquisador revela desde o início da pesquisa sua identidade e os objetivos do estudo.

Procedimentos metodológicos

As atividades foram desenvolvidas nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente/GO, na área urbana e na área rural, no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. O Parque está localizado na bacia do rio Paranaíba, ocupando uma área de 12.315 ha (Figura 03).

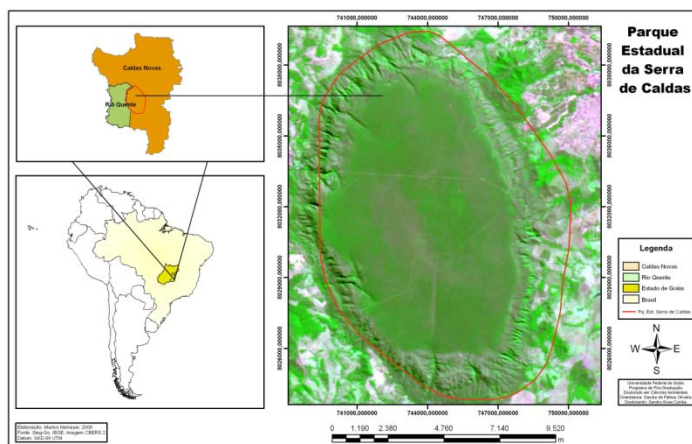


Figura 03 – Mapa de localização do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Fonte: -GO. IBGE, Imagem CBERS 2. Datum: SADUM 69 UTM.

Na área rural, foram considerados sujeitos da pesquisa, os moradores de longa data que ocupam a área adjacente da Serra de Caldas Novas, compreendendo os territórios dos dois municípios. A população urbana foi amostrada intencionalmente, no intuito de se garantir a representatividade de pessoas nativas ou migrantes. Além disso, foram identificadas pessoas que para lá migraram mais recentemente, no

sentido de identificar suas motivações e possibilitar uma análise das diferentes perceptivas.

Foi entrevistado um total de 31 atores, sendo 11 na área urbana (Caldas Novas e Rio Quente) e 20 na área rural. Pelo menos um morador de cada propriedade rural no entorno da Serra foi entrevistado, com exceção das grandes propriedades, nas quais não existem pessoas residentes e os proprietários residem em outras localidades.

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas:

- Inserção e análise documental, com o objetivo de reconstituir a história da ocupação local na tentativa de traçar perfis dos anseios que a motivaram e relacioná-las com os comportamentos no uso dos bens. Essa primeira fase do trabalho auxiliou para maior conhecimento da comunidade. Vale ressaltar também que a história do lugar é fracamente documentada. Os registros existentes estão em sua maioria em acervos particulares de difícil acesso.

- Coleta de depoimentos pessoais, com o objetivo de buscar nos depoimentos aspectos da mudança de paisagem local, seus significados para suas históricas de vida e suas conseqüências para alterações no modo de viver e o levantamento dos aspectos de suas histórias de vida, e dos indícios topofílicos nelas revelados.

O início do relato oral foi precedido da explicação do objetivo do trabalho e do motivo de escolha do sujeito, a declaração de respeito ao anonimato, quando solicitado, e o pedido de autorização para gravação.

- Análise das informações coletadas nos relatos orais foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo, seguindo as indicações de Bardin (1977) e Gomes (1994).

Mudanças ambientais e qualidade de vida

Em função da amplitude do conceito de qualidade de vida sua discussão pode ser direcionada a diversos aspectos. Minayo (2000) divide essa discussão em dois grandes focos de análise: o objetivo, relacionado a aspectos práticos da vida como educação, alimentação, saúde, etc.; e o subjetivo, no qual se inserem aspectos relacionados ao bem estar psicológico que serão o foco desta discussão.

As alterações estruturais e sociais que ocorreram na área estudada refletem de maneira direta na qualidade de vida da população local. Verifica-se uma sensação de invasão da privacidade e uma alteração no cotidiano em determinadas épocas do ano e datas festivas que afugentam os moradores da área central da cidade. [...] *Caldas Novas na época de temporada carnaval que vira aquele tumulto eu num gosto nem de sair na rua! Nem sai na rua, fico em casa. SAC*

A passagem de um ambiente bucólico característico de cidades interioranas para um ambiente com um grande fluxo de pessoas provocou uma perda de qualidade relacionada aos aspectos subjetivos.

Nota-se nos depoimentos que as referências relacionadas à diminuição do bem estar estiveram sempre relacionada ao crescimento que o lugar sofreu nas últimas décadas e os decorrentes problemas deste crescimento, como pode ser notado no fragmento que segue:

Praquela população permanente foi ruim porque você tinha uma qualidade de vida boa! Hoje a qualidade de vida dos caldanovenses já não é tão boa mais. Você tá lá na cidade é aquela sonzeira a noite inteira um povo gritando dando cavalo de pau, aquilo estressa qualquer um. Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR

Apesar das oportunidades econômicas usufruídas por uma determinada parcela da população, observou-se as barreiras sociopsicológicas criadas ente as comunidades receptoras e os turistas, como apontadas por Ruschmann (1997, p.57). Esses problemas têm suas fontes no imaginário criado pelos turistas sobre o lugar. Pelas características locais e os atrativos existentes, Caldas Novas deveria oferecer ao turista momentos de tranqüilidade, contato com ambientes naturais preservados e, acima de tudo, o prazer dos banhos termais. Entretanto, o que se observa atualmente são propostas de atividades festivas e mega eventos para atrair um público jovem que hoje representa grande parte dos grupos de turistas que procuram o lugar.

Dentre os atores entrevistados 43% fazem referências diretas sobre a atividade turística. Existe uma unanimidade na opinião dessas pessoas, principalmente que residem na área urbana acerca das conseqüências negativas desta atividade para o lugar e para o cotidiano.

Já nos depoimentos dos moradores da área rural, possivelmente, por não terem um contato diário com os problemas do turismo, verifica-se uma aversão à aglomeração de pessoas, ao trânsito, barulho, etc., mas não fazem referências diretas à atividade turística. Os depoimentos que seguem são de moradores da área urbana.

Os shows e carnavais eram realizados no centro da cidade o que agravava a situação do morador local e atualmente foi construído um espaço destinado a tal fim, porém próximo a áreas residenciais. Nesses períodos festivos, os que podiam, e tinham condições para tal, saíam da cidade. O Sr MSP, que migrou para o lugar em busca de tranqüilidade para viver a velhice relatou que “antes [da construção do local de shows] aqui na temporada também a gente ia pra São Paulo. [...] porque aqui a turma vem pra extravasar tudo que tem direito aqui”.

É notório que resgatar a qualidade de vida da população de Caldas Novas requer uma revisão do direcionamento turístico no local e da infra-estrutura disponível, que no atual contexto é insuficiente para atender a demanda. A insuficiência infra-estrutural no local também atinge aspectos relacionados a componentes objetivos da qualidade de vida. Alguns depoimentos fazem referência direta à deficiência do sistema de saúde.

[...] assistência medica aqui num tem. Qualquer coisa que acontece mais grave manda a gente pra Goiânia, Brasília ou Uberlândia, aqui não tem mesmo saúde aqui é nada. (MSP)

Agora ultimamente a patroa tava meio doente foi preciso ir pra Goiânia fazer uns tratamento (JEP)

Porém, o que se vê no lugar é um direcionamento de todos os esforços administrativos possíveis para incentivar e ampliar um sistema turístico irresponsável e insensato que desconsiderou, e ainda desconsidera as características do lugar e, acima de tudo, seus moradores.

Esse crescimento desenfreado que a cidade de Caldas sofreu acarretou problemas urbanos e ambientais dentre os quais se destacam: o inchaço do sistema urbano por falta de infra-estrutura suficiente e a opção por um turismo de massa. Abaixo seguem fragmentos selecionados de relatos que confirmam a problemática discutida.

- *Sistema de transito da cidade não tem a menor possibilidade de receber a quantidade de gente que Caldas Novas recebe. A cidade cresceu só na vertical. E isso concentrou toda a população num pequeno espaço! SR*
- *Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR*
- *Aqui, se fosse só da população de Caldas tudo bem! [...] vem muita gente de fora, ai é pouca vaga pra muita gente querendo trabalhar. MRC*
- *O que eu vi foi uma tendência. O que vem se consolidando é a opção de Caldas Novas por um turismo de massa. [...]essas águas termais, até quando elas suportarão? MF*
- *Eu acho que Caldas Novas é muito imediatista, os empresários pensam só no seu bolso, o turismo é uma atividade que pode até gerar emprego, mas não distribui realmente a renda. MF*
- *[...] tem um pit dog [lanchonete] bem na frente do meu prédio, Deus me livre, você num dorme a noite. DFM*
- *...e no centro ali quando a cidade tá cheia, quando é temporada, não tem jeito de dormir. MCC*
- *Por exemplo, carnaval, semana santa no centro da cidade era um Deus nos acuda, não era fácil não. MSP*
- *...muita baderna muita bagunça, porque Caldas Novas hoje é marcada pela baderna, pela desorganização, pela falta de estrutura. SR*

Os impactos do turismo sobre a qualidade de vida na cidade de Caldas Novas são intensos e tem provocado desconforto da população que é obrigada a se refugiar em períodos festivos, como carnaval, semana santa, etc.

Por outro lado, o turismo auxilia na geração de renda da população local ao oferecer oportunidades de trabalho de maneira direta e indireta. Esses aspectos positivos também são apontados com unanimidade pelos mesmos atores que relataram os problemas. O que reforça a idéia de que o problema do turismo não é a atividade em si, mas sim a forma de gerenciamento e organização.

- *Hoje aqui é turista, os turista dá dinheiro pra pousada e a pousada esparrama com nós aí oh! Você vê que miorô. VS*
- *A população de baixa renda principalmente ela é beneficiada sim, porque o turismo gera bastante emprego em Caldas, aliás a maior parte do emprego que tem em Caldas é relacionado ao turismo. Construção civil que também tem empregado muita gente, ele dá bastante emprego, não resta dúvida. SR*
- *Rio quente aqui só tinha umas três casas. Então cresceu. VS*

Fica explicitado nos relatos dos depoentes que existem duas vertentes que devem ser consideradas: os benefícios econômicos advindos da atividade turística e os problemas que essa atividade ocasionou.

Significados das reflexões para a educação ambiental: dificuldades e potencialidades.

Os trabalhos de educação ambiental em Caldas Novas estão restritos a visitas realizadas por alguns turistas ao Parque Estadual da Serra de Caldas restrito a visitas a trilhas com informações sobre o Bioma Cerrado e sua importância que, embora importantes, abarcam um percentual mínimo do montante de visitantes no lugar.

Os impactos provocados pelo turismo que se instalou no lugar deixam clara a necessidade de trabalhos de educação ambiental que considerem as relações estabelecidas entre os moradores e o lugar buscando despertar no turista, além do interesse em conhecer essa relação, o respeito a ela.

É clara a insatisfação dos moradores entrevistados, que residem na área urbana, com os efeitos do modelo de desenvolvimento turístico do lugar e suas consequências para a qualidade ambiental e de vida. Portanto, não é concebível simplesmente atribuir a continuidade do modelo a um funcionamento automático impulsionado pela razão do crescimento econômico, como se os atores sociais não pudessem escolher redirecionar o futuro. Nesse sentido, o primeiro passo de democratização da gestão é a abertura de um processo dialógico onde todas as partes interessadas possam, de fato, serem ouvidas e negociarem suas expectativas;

A interferência negativa da atividade turística na vida da comunidade local pode ser reduzida com um redirecionamento da atividade. Como enfatizado, os modos de viver típicos deste ambiente, bem como o contato com a natureza, poderiam ser a base de uma identidade cultural que tem representado um chamariz para um grupo de turistas que cresce a cada dia em outras regiões: os que buscam novas experiências fugindo do cotidiano vivido nos grandes centros urbanos e se refugiam na tranquilidade do ambiente rural.

Projetos educativos com o visitante, focados nessa modalidade de turismo, podem apresentar aspectos bastante positivos, quando ele é desenvolvido respeitando a originalidade desses ambientes: a valorização da própria identidade cultural pelos moradores que passam então a ter maior consciência sobre seus laços topofílicos; a oportunidade dos turistas viverem experiências estéticas e volitivas, numa prática turística que foge da reprodução do turismo de massa e de máximo conforto; por fim, o estímulo de uma situação comunicativa que permite a troca de saberes e o respeito mútuo às diferentes histórias e experiência de vida. Esse poderia ser considerado um turismo de baixo impacto, na medida em que o receptivo não é moldado para o turismo, mas mantém-se como o próprio elemento atrativo. Em outros termos, as atividades volitivas cotidianas colocadas à disposição do visitante representam a possibilidade de um *produto não-violado*, diferentemente do que ocorre em algumas comunidades tradicionais que são moldadas para receber o visitante, passando por um processo evidente de aculturação e de objetificação da própria imagem adaptada como produto.

A educação ambiental poderia, portanto, trabalhar com a conscientização da população sobre essa possibilidade, especialmente motivando-os a reconhecerem, a

partir da reconstituição de suas histórias de vida que se confundem com a história do lugar, os laços que os prendem a ele e a valorizarem seus modos de viver e seus saberes.

Caldas Novas, assim como outras cidades turísticas no Estado de Goiás (Pirenópolis, Cidade de Goiás, etc), tem como atrativos potencialmente turísticos os elementos históricos e culturais. Este potencial, apesar de estar sendo destruído, existe no local de estudo, porém não é utilizado. A valorização destes aspectos, como atrativos turísticos, pode auxiliar na valorização da história e da cultura local mantendo, ou restabelecendo a relação do morador com o lugar.

Outro importante foco dos trabalhos de educação ambiental com os turistas pode direcionar a uma revisão na atual concepção simulacrada pelas propagandas das agências de turismo que veiculam a idéia de um lugar sem limites, como se o local pudesse se resumir a um *playground*, um parque de diversões. Ora, para os turistas que usufruem do lugar com esse tipo de visão, prevalece a comodidade de voltar para a sua realidade cotidiana livre dos incômodos dos problemas que provocou. Obviamente, isso não é culpa somente do turista, mas de falta de uma política que estimule a integração deste com o lugar visitado, e o motive a valorizar os modos de vida e os elementos naturais da região.

Vale aqui uma observação: durante a pesquisa de campo foi relatado por um participante da cooperativa de triagem existente no aterro sanitário de Caldas Novas que o volume de resíduos aumenta consideravelmente em altas temporadas, chegando a dobrar ou triplicar. A infra-estrutura municipal de coleta e armazenamento de lixo sofre colapsos em altas temporadas já que foi dimensionada para uma população de aproximadamente 60 mil habitantes. Estes resíduos produzidos pelos turistas poderiam ser minimizados com trabalhos de educação ambiental incentivando duas linhas de ação: a intensificação da coleta seletiva, acompanhada de incentivos para as cooperativas de triagem; a conscientização somada a ações punitivas que forçassem os visitantes a levarem os resíduos para o seu local de origem, especialmente para as capitais, onde possivelmente haja maiores condições de reutilização e reciclagem. Acrescenta-se a isso um argumento lógico: grande parte dos visitantes faz suas compras em seus locais de origem, onde ficam os impostos embutidos nos preços e que teoricamente são aplicados nas infra-estruturas municipais. Assim, os problemas ficam com o município de Caldas Novas, porém os impostos não.

Outro aspecto do turismo local que precisa ser repensado diz respeito às formas de uso dos espaços privados. Os clubes e hotéis funcionam como uma “prisão turística”, onde são criadas formas de entretenimento que duram o dia todo e desestimulam que o visitante saia do hotel e, dessa forma, passam a maior parte do tempo consumindo seus produtos e serviços oferecidos. Isso impede a percepção de outros atrativos do local.

Em síntese, podemos concluir que é necessário um redirecionamento do processo de gestão local, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento turístico, com a inserção de um trabalho intenso de educação ambiental direcionado a todos os setores envolvidos, desde o turista até os empreendedores.

Referências Bibliográficas.

ALMEIDA, Maria Geralda. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. (Coord.) **Paradigmas do turismo**. Goiânia, GO: Alternativa, 2003. p. 11-19.

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1994. 111p.
- CORRÊA, Sandro Alves. **Percepção Ambiental nos Históricos de Mudança de Paisagem no Entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás,**2008. 210 f. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Ciências Ambientais - Universidade Federal de Goiás – Goiânia.
- COSGROVE, Denis. “A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas”. In: Corrêa R. Lobato; Rosendahl, Zeni (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 1998. P 92-123.
- DUARTE Jr., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 3ª ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2004. 225p.
- GADAMER, Hans-George. **Verdade e método:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 731p.
- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.). **Da Cidade ao Campo: A Diversidade do saber-fazer turístico.** Fortaleza-CE: UECE, 1998.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, SP: EPU, 1986. 99p.
- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 1, p 7-18, 2000.
- PIETRAFESA, José Paulo. Qualidade de Vida: a construção de um conceito. **Revista Candeia,** Goiânia, GO. Ano 4, n. 6, p 31-50, 2003.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von SIMSON, O. R.M (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo, SP: Vértice, 1988, p 14-43.
- RICHARDSON, R. J.; Peres J. A.; Correia, L. M. **Pesquisa social.** Métodos e técnicas. São Paulo, SP: Atlas, 1985, 287p.
- RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável:** a proteção do meio ambiente. 12ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997. 199p.
- THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. p. 82-103.
- TREVIZAN, Salvador dal Pozzo. Ciência, meio ambiente e qualidade de vida: uma proposta de pesquisa para uma universidade comprometida com sua comunidade. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.1, p.179-186. 2000.